

COMENTÁRIOS SOBRE A REVISTA RAÇA BRASIL*

Antonio Jonas Dias Filho**

Quando a revista *Raça Brasil* foi lançada, minha expectativa voltou-se para a receptividade perante a comunidade negra de Salvador, cidade onde resido. Para nossa surpresa, já foram publicadas mais duas edições e, entre comentários críticos ou entusiasmados, não consegui obter informações suficientes demonstrando que houve uma grande aceitação desta que diz ser a “revista dos negros brasileiros”.

Antes de fazer qualquer apreciação mais aguda, creio que seria importante lançar um olhar atento para dois aspectos que cercam essa situação. O primeiro diz respeito ao público negro, que seria potencialmente consumidor da revista. O segundo estaria direcionado para o conteúdo da *Raça Brasil*.

Em Salvador, onde houve um grande *boom*, em termos estéticos-políticos da concepção de negritude, incorporando algumas tendências como os movimentos “Rastafari”, “Black is Beautiful” e “Mama África”, a classe média negra nunca esteve presente, de fato. Isto porque, esses movimentos, que se iniciaram por volta dos anos 70, partem da massa negra, pobre, favelada e em busca de liberdade de expressão. Só a partir dos anos 90, por conta de um outro *boom*, o da “Axé Music”, quando passou a vigorar o que alguns baianos denominam de “alegre governo do tambor”, negros e não negros baianos passaram a incorporar comercialmente a cara negra da Bahia.

No entanto, essa aceitação da camada média negra, se enquadra muito mais com a explicação de que a cultura de massa aproxima os gostos mais insuspeitos, do que àquela que coloca a “Axé Music” como principal responsável pela “aproximação definitiva entre negros e brancos baianos”.

* Salvador, 20 de novembro de 1996.

** Professor Universidade Estadual da Bahia/Universidade Estadual de Feira de Santana.

Comentários sobre a Revista ...

Observando o comportamento dos negros baianos, de classe média (trabalhadores do Pólo Petroquímico e da Petrobrás, professores, funcionários públicos, pequenos comerciantes, artistas) verificamos, com bastante nitidez, que os seus gostos se aproximam muito mais de uma ética de consumo, comum aos outros grupos de cor, presentes no Estado. Mesmo do ponto de vista estético – uma das principais tendências da revista.

Sob esse aspecto, podemos dizer que a comunidade negra de Salvador, potencial consumidora da Raça Brasil, está dividida em dois grupos: um ligado às raízes afro-brasileiras, militante e com um discurso peculiar e outro, próximo da ética e dos gostos da classe média em geral.

No que diz respeito à linha editorial, a revista, que venho chamando, provisoriamente de “pseudo-ebonização do gosto para a classe média negra brasileira”, tem tido uma preocupação muito mais voltada para afirmação de estereótipos.

Isso fica claro lendo-se, por exemplo, reportagens como “Atração Black”¹, a respeito da virilidade dos homens negros (herança dos tempos coloniais em que escravos eram comprados como animais reprodutores para gerar trabalhadores mais fortes) em que alguns modelos e artistas, além de mulheres, falam sobre a preferência pelo tamanho do pênis e do desempenho sexual. Um texto digno de *A Curva do Sino* – livro polêmico e racista, publicado nos Estados Unidos, sobre o predomínio dos homens e mulheres negras, em campos da atividade humana, como a sexualidade e esportes, em detrimento da capacidade de se destacar em atividades que exijam qualquer tipo de aprimoramento intelectual.

Outra matéria, muito mais espetaculosa do que expressiva, foi feita com o cantor e compositor Carlinhos Brown. Confusa e contraditória. O próprio artista se encarrega de dar o tom do desencontro entre a revista e a realidade vivida pelos negros na Bahia. Afirma Brown, em uma das suas infelizes respostas:

(...) A África, com toda a sua fragilidade, aceitou ser colonizada, escravizada. Isso é coisa de um povo fraco. Isso

¹ *Raça Brasil* (2), 1996.

não é o meu povo”.² Dizer isso para as pessoas negras em Salvador, que sabem e valorizam a sua ancestralidade, é como “pregar no deserto.

As demais reportagens sobre a Bahia, são muito primárias. Falam de clichês e festas, colocam fotos, principalmente de mulheres, associando-as ao prazer de estar em Salvador, como fazem as propagandas que querem atrair turistas que vêm em busca de aventuras sexuais.

Outros dois pontos que merecem destaque são: as reportagens de auto-afirmação sobre negros que deram certo – num país em que é negada à comunidade negra acesso à escola, saúde e trabalho dignos – e o universo black fashion, com modelos de roupas, cosméticos e penteados, no melhor estilo Ebony – revista norte-americana, famosa por alardear a igualdade de consumo e ascensão dos negros norte-americanos.

Com isso, chegamos a algumas conclusões. Primeiro, ao assumir o slogan “a revista dos negros brasileiros”, seus editores deveriam ter em mente que o mundo negro no nosso país é multifacetado e distante daquele apresentado por algumas revistas que fazem propaganda da affirmative action nos EUA. Segundo, quem pensa nas questões ligadas à comunidade negra, como um todo, tem motivos de sobra para não se identificar com esse tipo de discurso, pois sente na pele e luta para mudar a discriminação com armas. Existe uma história dos movimentos negros em Salvador. Terceiro, quem, apesar de ser negro, e não querer ser identificado como tal (esses com maior poder de compra do que os militantes) tende a ver a revista como uma publicação sobre o outro, o exótico ou pior ainda, como mais uma revista entre tantas outras que dizem como se vestir, pentear ou maquiar.

De todas essas constatações, a maior de todas veio de uma revelação feita pelo editor da Raça Brasil, Aroldo Macedo, no programa Roda Viva, na TV Cultura, no dia 18 de novembro de 1996, cujo entrevistado foi o cantor e compositor baiano Gilberto Gil. Causou-lhe enorme surpresa saber que uma pessoa negra ao chamar uma outra

² Id. Ib.

Comentários sobre a Revista ...

de “negra” em Salvador poderá estar ofendendo-a. Isso revela um grande desconhecimento sobre a maior comunidade negra do país. O que nos faz perguntar: uma revista sobre e para os negros do Brasil, não tem necessariamente que conhecê-los?